



## PIERRE VIDAL-NAQUET e JEAN-PIERRE VERNANT *in memoriam*

Em menos de um ano, a comunidade científica internacional perdeu dois dos seus nomes de maior vulto: Pierre Vidal-Naquet e Jean-Pierre Vernant. Ambos eram franceses, investigadores e professores na área de História Antiga.

Pierre Vidal-Naquet nasceu em 1930, em França. Filho de um advogado de ascendência judaica e especializado em direito literário, Vidal-Naquet viveu a II Guerra Mundial com particular intensidade. Apesar da laicidade e republicanismo da família, e de se confessarem apenas devotos da cultura, os pais de Vidal-Naquet não escaparam às perseguições nazis. Depois de terem sido presos em Marselha, o pai e a mãe de Vidal-Naquet acabaram por ser deportados para Auschwitz, onde morreram. A tortura por que o seu pai passou antes da deportação, porém, viria a marcar o historiador para sempre e a influenciar a sua militância em prol dos direitos humanos até ao fim dos seus dias. Vidal-Naquet recusava a ideia de que o Estado francês pudesse torturar alguém em nome de que interesse fosse. Foi com esse espírito também, que, mais tarde, assumiu a sua posição pública contra as guerras da Argélia, do Vietname e do Iraque, ainda que, em alguns desses momentos, tivesse conhecido sérios problemas profissionais. Mas, seguindo o espírito de Marc Bloch, Vidal-Naquet acreditava que o historiador deve tomar o seu lugar na vida política activa da cidade. Foi com esse mesmo espírito que defendeu a causa palestinese, quando, em Julho de 2003, participou na acção «Une autre voix juive».

Em 1955, Vidal-Naquet concluiu a sua formação em História, vindo a especializar-se no estudo da Grécia Antiga. Partindo de uma perspectiva globalizante que tem a realidade humana como uma vivência total, não descurou, por isso, nenhuma das suas expressões ou aspectos: políticos, sociais, económicos, culturais e mentais. Discípulo das escolas de Bloch e Marrou, Vidal-Naquet integrou a geração de

Momigliano, Guinzburg, Finley e Vernant. De 1969 a 1990, foi director da área de Ciências Sociais da École Pratique des Hautes Études, sucedendo depois ao seu colega e amigo Jean-Pierre Vernant na direcção do Centro Louis Gernet, espaço dedicado à investigação comparada das sociedades antigas. Vidal-Naquet faleceu a 28 de Julho de 2006.

A suas raízes impeliram-no a recordar também a *Shoah* e seus horrores, em registos literário-historiográficos, em homenagem à memória dos seus pais e de todos os que, como eles, foram vítimas da repressão e da intolerância e como luta contra os que definia como os «assassinos da memória». Ele que se auto-intitulava um «produto de Auschwitz». Sobre a funcionalidade dos seus estudos acerca da Antiguidade, retemos as palavras do próprio Vidal-Naquet: «elles m'ont permis de prendre du recul et d'éviter de dire trop de bêtises sur le monde contemporain!» (em entrevista a I. Michine).

De entre o seu trabalho destacamos: *Clisthène l'Athénien* (em co-autoria com P. Lévêque), Paris, 1964; *Le Bordereau d'ensemencement dans l'Égypte ptolémaïque*, Bruxelas, 1967; *Économies et Sociétés en Grèce ancienne* (em co-autoria com M. Austin e com tradução portuguesa), Paris, 1972; *Mythe et Tragedie en Grèce ancienne* (em co-autoria com J.-P. Vernant), Paris, 1972, 1982; *Du bon usage de la trahison* (estudo publicado como introdução à obra de Flávio Josefo), Paris, 1977; *Le Chasseur Noir. Formes de pensée et formes de société dans le monde grec*, Paris, 1981; *La Démocratie grecque vue d'ailleurs. Essais d'historiographie ancienne et moderne*, Paris, 1990; *La Grèce ancienne* (em co-autoria com J.-P. Vernant), Paris, 1990; *Les Grecs, les Historiens, la Démocratie. Le grand écart*, Paris, 2000; *Le Monde d'Homère* (com tradução portuguesa), Paris, 2000; *Le Miroir Brisé. Tragedie athénienne et politique*, Paris, 2002; *L'Atlantide. Petite histoire d'un mythe platonicien*, Paris, 2005.

Quiseram as Meras que menos de um ano depois da morte de Pierre Vidal-Naquet, viesse a falecer um dos seus grandes companheiros de demanda: Jean-Pierre Vernant. Nascido em 1914, em Provins (Seine-et-Marne), Vernant ficou órfão muito cedo, o que o levou a afirmar que «desconhecia de todo o que era o complexo de Édipo». Tema que sempre o fascinou, como, aliás, a tragédia grega em geral, acabando por ser ele próprio a libertar aquela personagem mitológica do complexo que Freud lhe inculcou. Vernant fez a sua formação de base na área da Filosofia, concluindo o curso em 1937 e encetando posteriormente estudos na área da Psicologia. Tal como Vidal-Naquet,

Vernant foi particularmente afectado pela guerra, militando no partido comunista francês, durante a juventude, e associando-se à Resistência em 1940, chegando a chefe das FFI da região de Toulouse, quatro anos depois.

Depois da guerra, em 1948, Vernant dedicou-se ao estudo da Antiguidade Clássica, centrando-se na interdisciplinaridade das ciências sociais e fundando a antropologia e a psicologia social da Antiguidade Clássica. Nesse mesmo ano, Vernant entrou para os quadros do CNRS e a partir de 1958 tornou-se director da École des Hautes Études. Em 1964, criou o centro de investigações comparadas das sociedades antigas, que baptizou de Centre Louis Gernet. Entre 1975 e 1984, Vernant ocupou a cátedra de História Comparada das Religiões Antigas no Collège de France, onde acabou por se instalar como professor honorário. Pertencendo à mesma geração de Vidal-Naquet, J. Bottéro, E. Cassin, J. Gernet, L. Brisson e J. Yoyotte, o reconhecimento internacional de Vernant veio com as atribuições do grau de *Doctor Honoris Causa* pelas Universidades de Chicago, Bristol, Berna, Nápoles e Oxford. Vidal-Naquet considerava-o o homem mais eloquente que alguma vez encontrara.

Apesar de contestada em vários círculos intelectuais, a escola de estudos que Vernant fundou contribuiu para as grandes inovações e abordagens no domínio da Antiguidade Clássica. Como notou o *Le Monde* aquando da morte de Vernant a 11 de Janeiro de 2007, o desaparecimento daquele que «olhava a Lua com os olhos dos Gregos» deixa um vazio irreparável para o mundo da ciência contemporânea. Vernant era um historiador, filósofo, antropólogo e classicista em busca da descoberta do Outro para se entender a si mesmo, uma eterna criança ávida de compreensão.

De entre as suas obras, não podemos deixar de referir: *Les origines de la pensée grecque* (com tradução portuguesa), Paris, 1962; *Mythe et pensée chez les Grecs* (com tradução portuguesa), Paris, 1965; *Mythe et tragedie en Grèce ancienne* (em co-autoria com P. Vidal-Naquet, com tradução portuguesa), Paris, 1972, 1986; *Mythe et société en Grèce ancienne* (com tradução portuguesa), Paris, 1974; *Religion grecque, religions antiqúes*, Paris, 1976; *La cuisine du sacrifice en pays grec*, Paris, 1979; *La Morte dans les yeux*, Paris, 1985; *Travail et esclavage en Grèce ancienne* (com tradução portuguesa), Paris, 1988; *L'individu, la mort, l'amour*, Paris, 1989; *Mythe et religion en Grèce ancienne* (com tradução portuguesa), Paris, 1990; *L'Homme Grec* (como coordenador, com tradução portuguesa), Paris,

1993; *Entre mythe et politique*, Paris, 1996; *Mythes grecs au figure, de l'Antiquité au Baroque* (em co-autoria com S. Georgoudi), Paris, 1996; *L'Univers, les dieux, les hommes. Récits grecs des origines* (com tradução portuguesa), Paris, 1999.

Vidal-Naquet e Vernant. Encontrar-nos-emos sempre que lermos as páginas que nos deixaram em testamento.

**Nuno Simões Rodrigues**